
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Anais
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"

EVANGÉLICOS VÃO À RUA: A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO POLÍTICO*

José Tadeu Batista de Souza, UNICAP**
Ricardo Jorge Silveira Gomes, UNICAP ***

Resumo

Esse artigo tem por objetivo analisar os fatores dos eventos culturais que marcaram a institucionalização das igrejas evangélicas neopentecostais, como ato político, no município do Cabo de Santo Agostinho, levando em consideração a construção de uma identidade cultural através desse evento denominado "Marcha resgate". Pretende-se entender como são construídos os elementos culturais dos evangélicos neopentecostais e a estratégia de utilização da cultura (Música e dança) para a ocupação do espaço político. O intuito é entender a cultura como um elemento que os neopentecostais usam como uma expressão do religioso associado à atividade política. Nesse sentindo procuramos trazer um panorama fidedigno das motivações políticas e religiosas subjacentes ao discurso e às práticas das igrejas evangélicas no contexto cultural.

Palavras-chave: Religião. Política. Cultura.

Introdução

A escolha do tema se deu em virtude de uma observação das estratégias utilizadas pelas igrejas neopentecostais para a consolidação do espaço político. A Marcha Resgate entra no cenário cultural religioso do município do Cabo de Santo Agostinho, organizada pela Igreja Kerigma desde 1998.

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 05 – Religião, política, cultura e memória: diálogos sobre os séculos XIX e XX.

** Doutorado em Filosofia pela PUC-RS, Mestre em Filosofia pela UFPB, Graduado em Filosofia pela UFPB. Atualmente é Professor Adjunto III e Vice Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da UNICAP.
E-mail: tadeu@unicap.br.

*** Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, Especialista em Metodologia de Ensino da História e Graduado em História (UFRPE). Atualmente Docente e Coordenador da Comissão Própria de Avaliação-CPA da Faculdade José Lacerda Filho de Ciências Aplicadas (FAJOLCA), em Ipojuca-PE.
E-mail: ricardojorgesg@hotmail.com

Este artigo tem por finalidade abordar a influência da cultura evangélica neopentecostal na vida social e política cabense. Poucos estudiosos perceberam que o campo religioso deste município[2] está passando por profundas mudanças que alteraram consideravelmente o panorama cultural. A Marcha Resgate é uma das maiores novidades nos pleitos eleitorais de 2004, 2008 e 2012 realizadas neste município. O aumento de vereadores evangélicos na Câmara Municipal tornou-se bastante evidente nos últimos pleitos eleitorais, deixando claro que o fator religioso ainda continuará a ser decisivo por muito tempo na vida cultural, social e política brasileira (SIEPIERSKKI, 1997). São notórias as mudanças ocorridas nas mais diversas camadas da sociedade nas últimas décadas e estão diretamente ligadas à política, à religião e à cultura.

Esse estudo tem o objetivo de analisar os fatores dos eventos culturais que marcaram a institucionalização da igreja evangélica (neopentecostal) como ato político no município do Cabo de Santo Agostinho levando em consideração a construção de uma identidade cultural através desse evento denominado "Marcha resgate". Queremos entender como são construídos os elementos culturais dos evangélicos neopentecostais. A música e a dança se constituem em fatores que podem explicar a estratégia de utilização da cultura para a ocupação do espaço político.

Estado laico: o dilema entre o político e o religioso

[2] - O Cabo de Santo Agostinho fica localizado na Mesorregião Metropolitana do Recife, Microrregião de Suape, com uma área territorial de 448,735 km. Sua distância é de 33 km do Marco Zero de Pernambuco, a 20 km do Aeroporto, sendo o acesso mais utilizado, o rodoviário, pelas rodovias BR – 101 sul e PE – 60, seguindo da PE – 28 (Rodovia Vicente Pinzón) e pela Via Parque/Paiva que dá acesso às praias do Município, tais como Gaibú, Itapuama, Paraíso e Suape. (IBGE – Censo 2010).

A laicidade brasileira em termos concretos foi rompida por arranjos que oficializavam e mantinham a igreja católica com a preeminência na constituição da nacionalidade contidas no texto da Carta Magna de 1934. Esta formulação a manteve subordinada e veio oficializar aproximações já existentes dentro do regime, "tendo como marco regulatório a lei de 1890 que produziu a separação entre Estado e a Igreja Católica" e reconhecendo "todas as confissões religiosas" e "personalidade jurídica para adquirirem os bens administrativos", mais "sob os limites postos pelas leis concernentes à propriedade de mão morta" (art. 5º).

A partir da Constituição de 1988, proliferaram e intensificaram-se os debates e rivalidades igualmente entre igrejas cristãs e setores laicos da sociedade brasileira sobre questões relativas à liberdade religiosa, ao lugar e o papel da religião, ao ensino religioso, à ocupação religiosa do espaço público, ao ativismo político e midiático de grupos religiosos e seus efeitos sobre os direitos humanos e a cidadania. Tais atividades tendem a contribuir para que os grupos religiosos procurem entender seu poder político e midiático a fim de enfrentar seus adversários.

O crescimento numérico dos evangélicos nas últimas décadas, tamanha a sua inserção na sociedade brasileira, é sublimada por sua ação no campo político, explícitas por candidaturas legislativas por parte de igrejas para defesa de interesses supradenominacionais. Com a clara associação da imagem religiosa como atributos eleitorais e referidos evangélicos em todos os níveis de poder estatal, legitimando a "colaboração' entre Estado e igrejas tradicionalmente ocupados por Católicos e espíritas".

A prosperidade vem identificar certa vertente que se traduz no pedido de dinheiro durante os cultos. Essa movimentação nas relações entre religião e sociedade que não gera efetivamente transformações correlatas nos arranjos que regulam a inserção da religião no espaço público.

Em 2003, ocorreu um protesto no universo evangélico acerca do controle das igrejas por parte do Estado, atentatório à liberdade religiosa.

O texto estipula atribuições do poder público sobre a vida das associações religiosas, reforça os direitos de membros em relação aos dirigentes, reitera a proibição do lucro, exige a manutenção dos registros contábeis e a necessidade de declaração de renda.

A problemática se evidencia quanto às condições de funcionamento de outras igrejas. Estaria havendo um desrespeito ao estatuto jurídico próprio das organizações religiosas, pois o Código Civil anterior não criou diferenciações entre as associações religiosas e demais tipos de associações obedecendo exatamente ao argumento de que nenhuma restrição específica deveria pesar sobre as primeiras.

Considerando-se a força de outros dispositivos ou mesmo da prática administrativa ou da jurisprudência judiciária, as igrejas foram sim, em certos aspectos, tratadas diferentemente. Evidenciado na imunidade tributária, que adquiriu estatuto constitucional desde 1946, mas já aplicada anteriormente por conta de legislações mais especificas.

Destaca-se a permissão para formas hierarquizadas da Igreja Católica, as organizações de coletivos religiosos, que incluía o reconhecimento de personalidades jurídicas a entidades como dioceses e paróquias, cujas existências eram regidas por leis canônicas; a imprescritibilidade e inalienabilidade dos bens religiosos, sobretudo os templos, o que significava que os coletivos religiosos eram protegidos. Resultou no novo Código Civil com a seguinte modificação no texto da lei: "São livres a criação, a organização, a estruturação interna e o funcionamento das organizações religiosas, sendo vedado ao poder público negar-lhes reconhecimento ou registro dos atos constitutivos e necessários ao funcionamento" (Art.44, § 1º).

O destaque cabe à criação de pessoas jurídicas, às "organizações religiosas" que promoveram um maior controle, se desvinculando do texto que as qualificava como "associações". O que conseguiu foi introduzir especificações dos coletivos religiosos dentro da principal lei civil brasileira.

Nas temáticas e situações apresentadas pode ser observada a constituição de modos de estabelecer as relações entre Estado e religião, destacando a constituição de modos de presenças que permitem, legitimamente, o reconhecimento do religioso e o princípio de laicidade. Tratadas também, as fronteiras entre os segmentos do campo religioso, demonstrada na validade das mesmas (na sequência, catolicismo, espiritismo, cultos afros e religião evangélica). A intervenção toca diretamente na questão do "reconhecimento de grupos religiosos", fundamentando-se na realidade britânica, com foco em "cidadania multicultural" e "nacionalidade hifenada".

As provocações definidas por "espaço público", modos de presença normativa a respeito desse espaço suscitou debates filosóficos e políticos. Houve a problematização do espaço público, sem, no entanto, colocar permanentemente em jogo a constituição e o papel do Estado sobre o argumento da secularização e suas expectativas para a relação entre religião e espaço público.

O crescimento do neopentecostalismo brasileiro

As igrejas neopentecostais se multiplicam quase diariamente e a mobilidade religiosa aumenta, bem como o número dos chamados "sem-religião", que, importa frisar, não deixam de ser, necessariamente, religiosos, mas não se consideram pertencente a nenhuma religião organizada. Esse processo de mudança num país tradicionalmente católico é fruto de uma enorme mobilidade no campo religioso.

> Neste meio religioso, crenças, práticas culturais e rituais são incorporados, nem sempre com as mesmas características originais, com velocidade e versatilidade impressionantes. Ás vezes dão origem a novas sínteses idiossincráticas, noutras resultam em surpreendentes desdobramentos. Daí os obstáculos para se refazer o tortuoso caminho de volta á gênese de determinada crença ou prática ritual. (MARIANO. 1999. P. 42)

O crescente numérico constatado a partir dos anos de 1980, especialmente de denominações pentecostais e neopentecostais, transformou as maneiras de imaginar os evangélicos no Brasil. Após as duas décadas que separam o censo de 1991, e o de 2010, o percentual de declarantes evangélicos passou de 9% para 22,2%, um aumento, sobretudo, de denominações pentecostais e neopentecostais (CENSO, 2010).

No município do Cabo de Santo Agostinho, cidade localizada no estado de Pernambuco, Apostólicos Romanos, Apostólicos Brasileira e Católica, os Católicos Ortodoxos, representam 51%, entretanto, os evangélicos (de Missão, da igreja evangélica Luterana, da Igreja Evangélica Presbiteriana) representam 49% da população do município (IBGE, 2010).

O autor Ricardo Mariano, que se dedicou na sua dissertação de mestrado a compreender, nos anos 90, um novo tipo de Pentecostalismo no Brasil que vinha se estruturando desde os anos 70 do século XX, deu vida e consagrou definitivamente o conceito acima citado ao apresentar-lhe as características mais marcantes e nos alerta sobre a necessidade de continuarmos a pesquisa nesse subcampo. Ele diz:

> Subjacente às observações feitas... está a ideia de que o neopentecostalismo abriga apenas uma parcela das igrejas pentecostais formadas nos últimos vinte e cinco anos. Infere-se disso que o movimento pentecostal é bem mais complexo e abrangente do que as correntes cujos contornos delineamos. Isso remete, ainda, para a eventual existência de outras vertentes menores e menos visíveis em seu interior. Quanto ao futuro pentecostal, a virtual ocorrência de transformações para muito além das já realizadas nesse campo religioso, tanto faz se decorrentes de importações teológicas, de sincretismos, de idiossincrasias de novas lideranças e de cismas institucionais, corresponderia à formação de novas correntes pentecostais e, portanto, implicaria a formulação de novos tipos ideais para classificá-las. (MARIANO 1995.p.37-38)

O autor supracitado não estava fazendo futurologia quando prenunciava, na década de 90, que o futuro pentecostal passaria por inúmeras transformações. Sua intuição sociológica apurada pressentia que

sua análise, como, aliás, qualquer análise científica, precisa ser provisória, senão torna-se dogmática. A tarefa não é fácil e nem simples, mas necessária em virtude da necessidade que existe de se compreender melhor o subcampo pentecostal brasileiro.

O neopentecostalismo teve seu início no Brasil, por volta da segunda metade da década de 1970 (MARIANO, 2004), quando vários seguimentos das igrejas evangélicas de cunho pentecostais, IURD (Universal do Reino de Deus), Internacional da Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e Renascer em Cristo passaram a pregar a doutrina da renovação pentecostal (MARIANO, 2004). Esse movimento caracteriza-se por enfatizar a atualidade dos milagres divinos, a guerra contra o diabo e seus representantes aqui na terra e a Teologia da Prosperidade segundo a qual os filhos de Deus, os cristãos, devem ser prósperos e vitoriosos em seus empreendimentos terrenos. Doutrinas bastante difundidas entre seus seguidores, não importando a classe social a que pertençam, o que a fez crescer, ganham visibilidade e seguidores no Brasil.

Embora o fenômeno do neopentecostalismo seja considerado recente, suas origens remontam ao pentecostalismo "clássico", que teve sua introdução e expansão no Brasil, no início do século XX, mais precisamente na primeira década do século (MARIANO, 2004). O pentecostalismo "clássico" abrange as igrejas: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus.

Um segundo grupo de igrejas surge no Brasil a partir da década de 1950, tendo seu evangelismo centrado na pregação da cura divina. Desse grupo surgiram às igrejas: Brasil Para Cristo, Deus é Amor e Casa da Benção.

Ao analisar os neopentecostais, Ricardo Mariano faz uma sociologia do novo pentecostalismo no Brasil – como sugere o título de seu livro, atesta a ruptura com o ascetismo do qual os crentes foram sempre estigmatizados, como também a progressiva acomodação em relação à sociedade, o que na

visão do autor são mudanças significativas que tornam esse segmento protestante menos distinto (MARIANO, 2012).

Embora ainda haja aquele velho combate entre os neopentecostais e os católicos – já que desde os primórdios do protestantismo o principal alvo foi a Igreja Católica, e o pentecostalismo não fugindo a regra – e a rivalidade seja acirrada, seguindo os pentecostais e os protestantes históricos, há, no entanto, um novo "inimigo" declarado: o combate central das igrejas, assim como da doutrina neopentecostal são de forma clara as religiões afro-brasileiras e as religiões mediúnicas. Há um redirecionamento, atesta Mariano, nos dogmas e rituais no interior das igrejas, podendo ser confirmado pelos cultos e o próprio discurso introjetado pelos líderes neopentecostais.

Marcha resgate – consolidação do espaço político através da cultura midiática

A Marcha no Brasil é herdeira direta da City March, realizada em Londres em 1987, em resposta às diferentes formas de manifestações a que os grupos descontentes com o governo Tatcher, especialmente os de juventude, herdeiros da "contracultura" a que estavam vinculados.

A March for Jesus, como passou a ser chamada, se tornou um evento internacional, realizado em mais de uma centena de cidades de todo o mundo. O centro do evento, desde seu surgimento, era a utilização da música como forma privilegiada para o evangelismo, extrapolando "as paredes dos templos". (GIUMBELLI, 2014).

Diferente de versões de outros países, em que a marcha une protestantes e católicos (INGLLS,2012), no Brasil, a "Marcha" passa a ser realizada em 1993, através de esforços da Igreja Renascer em Cristo, (Neopentecostal) que busca dar uma maior visibilidade aos "evangélicos" no país. Articulada com importantes setores da indústria fonográfica, essa igreja teve papel chave na formulação do que veio a ser chamado de música

gospel no Brasil, termo que foi inclusive patenteado pela bispa Sônia Hernandes, líder dessa denominação (CUNHA, 2007).

A Marcha resgate, além de ser o maior evento evangélico da cidade de Cabo de Santo Agostinho, iniciada no ano de 1998, pela igreja Kerigma, nos primeiros anos, conseguiu unir as principais lideranças evangélicas da cidade, contando com mais de 20 mil pessoas. Podemos observar que a marcha resgate está profundamente inserida na "cultura gospel" nacional, prova disto é a presença maciça de artistas e pastores de outras denominações evangélicas nas edições da marcha, o que não é tão frequente em outros segmentos.

Assim como em todas as edições já realizadas, a Marcha resgate se constituiu no município do Cabo de Santo Agostinho como um evento ancorado em apresentações musicais e que passou, por isso, a ser parte de um circuito de música evangélica que veio ganhando cada vez mais corpo desde então.

A adesão dos fieis pentecostais e principalmente neopentecostais, não tardou e acompanhou o movimento geral de busca de alianças em diferentes segmentos da sociedade cabense, principalmente na esfera pública municipal, hoje, o maior financiador da marcha resgate. (AMUPE, abril, 2015).

As razões que levam os evangélicos a comparecer ao evento são as mais diversas, incluindo o entretenimento e a sociabilidade, mas há uma ideia geral de que se trata de um espaço em que os evangélicos cabenses vão "se fazer ouvir" pela gestão pública municipal. "Conquista de território e profetiza a paz" por todo o município como são algumas das respostas repetidas pelos participantes. Como explicou o idealizador e coordenador do evento, pastor Eliel Silva:

> "A Marcha Resgate em 2012 repetiu o sucesso dos anos anteriores e arrastaram 20 mil pessoas pelas ruas do município". É um momento de união entre os cristões das mais diversas denominações e das pessoas não cristãs também, para levar a palavra de Deus e promover a paz. (GAZETA NOSSA, MAIO, P. 12.2012).

Esse caráter é afirmado em toda a sua clareza na fala do pastor em tela. Para ele, "a marcha é uma manifestação profética da igreja para o município. É também a celebração da unidade do povo de Deus".

A marcha opera como uma ferramenta fundamental de reconstrução do espaço público a partir da experiência e dos significados que passam a estar atrelados a ele. Altera-se desse modo a paisagem da cidade, não apenas em termos visuais, com os milhares de pessoas que marcham carregando cartazes e blusas oficiais da marcha, com as mensagens relativas à Jesus e aos patrocinadores

> A chamada Nova História Cultural não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes "letradas", mas revela especial apreço, tal como história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em uma palavra, a Nova História cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular. (VAINFAS, 1997, P.148,149).

Os entrelaçamentos culturais têm sido um dos traços que realça o momento contemporâneo. Ou seja, a diversidade cultural estabelece várias ramificações que fazem o estudo da cultura redimensionar-se, dando origem a múltiplos olhares sobre esta multiplicidade de termos que acompanham a denominação cultura. Há uma interlocução entre cultura midiática, cultura científica e educação. A primeira pode favorecer a cultura científica no Brasil, considerando que o momento contemporâneo pode ser definido como o evento da cultura pós-massiva e seus elementos tecnológicos.

Segundo Joana Puntel (2010), estamos vivendo uma **cultura midiática**: "Aqui, nasce um novo sujeito em suas relações. E uma nova maneira de ensinar, de aprender. Há, portanto, uma nova lógica." Para a estudiosa, existe atualmente a interatividade, com as **redes digitas**, e uma nova forma de comunicação começa a se realizar. "Agora, todos são interlocutores. No fim, surge o que o teórico **Pierre Lévy** chama de inteligência coletiva", conta, ao completar que as redes

sociais são também uma nova ágora ou um atual areópago. "Ou seja, a praça pública da contemporaneidade. " Deve-se perceber, outrossim, que a **globalização** faz-nos sempre mais interdependentes. Para a escritora, entretanto, permanecem divisões globais, como o distanciamento entre pobres e ricos, os conflitos econômicos, políticos, ideológicos e até religiosos.

Ao inserir o processo de globalização para demarcar melhor a cultura midiática, não se intenciona discutir mais detalhadamente o termo. Todavia, lança-se mão de uma maneira de localizar, mais objetivamente, como a cultura midiática caracteriza-se ao perceber que seu surgimento, em parte, é consequência desse processo de globalização. A cultura midiática está no núcleo da globalização e também no centro das transformações sociais. Consequentemente, ela propicia mudanças nos diversos segmentos da sociedade e na vida cotidiana dos indivíduos. Isso resulta em um movimento no qual a cultura sofre ações que geram mudanças em ambientes díspares de veiculação da informação. E, ainda, nos mais variados suportes que propiciam a interação com o receptor, construindo e localizando o indivíduo nesse novo momento cultural da sociedade.

> Quando entram no mundo da mídia, as igrejas não levam em conta que o processo mudou. Os dispositivos tecnológicos, tão importantes, são apenas uma pequena parte, a ponta visível do iceberg, de um novo mundo estruturado pelo processo de midiatização da sociedade. Estamos vivendo hoje uma mudança de época, um câmbio epocal, uma nova inflexão com a criação de um bios midiático que toca profundamente o tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional. É um bios virtual. Entendo que muito mais que uma tecnointeração, está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela midiatização da sociedade. " (PUNTEL, 2010.p.156)

Inseridos nesse universo de um novo jeito de ser evangélico, a primeira impressão que se tem é que as igrejas neopentecostais se diferenciam de igrejas como a Assembleia de Deus e se aproximam de outras como a Renascer, predominantemente, pelo caráter neopentecostal

de seus membros e pela herança cultural herdada de seus fundadores. Porém, ao analisar profundamente os espaços em que os membros da instituição convivem, vemos que laços estão sendo feitos e paradigmas desfeitos a partir do contato com esta cultura que produz seus próprios ídolos, seus próprios produtos e sua própria linguagem.

A questão central é a utilização "da construção cultural da marcha resgate" na ocupação do espaço político no município cabense, pelos neopentecostais. A inserção dos elementos midiáticos que antes não tinham um papel tão importante no mundo evangélico brasileiro está mudando consideravelmente o comportamento dos evangélicos neopentecostais e permitindo uma maior abertura às culturas "externas". Porém, não podemos considerar este fato uma ruptura com os principais paradigmas da religião e os principais elementos que caracterizam estes evangélicos neopentecostais. Ainda são os mesmos que o restante da comunidade cristã evangélica.

> Falar da comunicação como espaço sócio cultural para se realizar a evangelização no mundo contemporâneo significa abordar, sobretudo, um contexto de sociedade que se transforma em uma velocidade alucinante, marcada pelos avanços tecnológicos, sobretudo pela era digital, que provoca mudanças sociais e de costumes, em que o mundo das comunicações se apresenta como uma área de grande importância a ser refletida pela Igreja. " (PUNTEL, 2005. p, 133).

As fontes audiovisuais variam entre sites, rádios, jornais, estações de TV via internet, álbuns de bandas gospel, fotos e vídeos de cultos e eventos. Estas foram utilizadas para verificar de que maneira os novos meios da cultura midiática estão se relacionando com as estratégias institucionais e com as manifestações culturais do universo gospel brasileiro. Essa centralidade do som fica no espaço dado ás atrações musicais que ocupam mais de 90% do tempo da Marcha. Já o restante do tempo é ocupado por falas de pastores e figuras públicas municipais. Os equipamentos sonoros

de dimensões gigantescas utilizados no evento também demonstram essa centralidade. Como vemos, no jornal local, Gazeta Nossa (2012):

> Esse ano a Marcha contou com sete trios elétricos e a participação de diversos grupos de louvor. A saída aconteceu ás 14hs na PE-60, na saída da Av. Escritor Israel Felipe. De lá, os trios arrastaram a multidão por um percurso de quatro quilômetros até o Espaço Asa Branca, onde houve shows com vários grupos musicais, entre eles David Quinlan.(GAZETA NOSSA, MAIO, P. 12.2012).

Como um evento evangélico legalmente reconhecido como parte da cultural do município, por exemplo, tem contado nos últimos anos com o apoio da prefeitura municipal do Cabo de Santo Agostinho, cujo logotipo está estampado nos materiais de divulgação e no palco principal do evento, reunindo organizadores e imprensa local e garantindo estrutura para os cantores que lá se apresentam.

A relação desses agentes religiosos, políticos e midiáticos aparecem na própria estética de megashow do evento. Alguns elementos da dinâmica dos shows contribuíam para essa "comunhão" e "unidade" evangélica, em especial sua fácil absorção por parte do público por trazer características da indústria cultural em geral e modificá-los com elementos de dinâmicas de culto comuns.

Observa-se as expressões como "tire o pé do chão", "grite bem alto" "pra cima" e o pedido de responsividade do público são elementos disseminados no universo mediático por gêneros musicais que não tratam de temáticas como pedido para que olhe para o "irmão do seu lado" e "lhe dê um abraço" ou "lhe diga que Deus tem um plano na sua vida" (MARCHA, 2012), comuns a cultos e fomentador de coesão entre membros de uma igreja. No processo da marcha, liturgia e modelo midiático são transformados, construindo-se uma forma de se colocar na cidade enquanto "evangélicos".

Considerações finais

A partir da temática abordada, pode-se deduzir que a marcha resgate é um evento chave para pensar na construção de uma ocupação de espaço político pelo segmento evangélico denominado neopentecostal.

Esse artigo evidenciou que a marcha resgate, como evento cultural, se legitima e opera sob duas lógicas distintas: a primeira, que aciona argumentos religiosos para a mobilização dos evangélicos. A segunda, que enquadra o evento em dispositivos jurídicos, conferido valor cultural à expressão religiosa. A marcha resgate, portanto, afirma-se de forma ambivalente: dentro da comunidade evangélica, primeiramente como um apelo à "unidade" e à "comunhão"; depois, como "ato espiritual religioso", que serve como plataforma para atuação de parlamentares ou manifestações públicas de massas (Giumbelli, 2014, p.205).

Referências bibliográficas

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinante. In. TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson. **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber ; Instituto Itaú Cultural, 2009. – (Coleção ABCiber). p. 38-51. Disponível em: Acesso em: 24 fev. 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Orgs). **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, 2008. (Coleção Teologia e Ciências Humanas; 14).

PUNTEL, J. T. **Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas/ Sepac, 2010.

_____. **Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência.** 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. v. 1. P.149.

_____. **Os conselhos evangélicos na ótica da comunicação**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. v. 1. P.178.

MARIANO, Ricardo. **"O futuro não será protestante"**. Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião, v. 1, n. 1: p. 89- 114. 1999.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.** Loyola, São Paulo, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Bye-Bye Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000"**. Estudos Avançados, v.18, n. 52. 2004.

TEIXEIRA, Faustino e MENESES, Renata. **Religiões em movimento.** Petrópolis Vozes.

CASANOVA, José. Public religions revisited. In: H. de Vries (ed). **Religion: Beyyond the Concept.** New York. Fordlham University Press. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.phd?pid. Acesso em 29/11/11.

REGO, José Marcio; MARQUES, Rosa Maria. **Economia Brasileira no Processo de substituição de importação. "A grande Depressão"**. (Organização). 2º ed. Saraiva. São Paulo. 2006.

IBGE, Censo demográfico 2010: **Características da população e dos Domicílios – resultados preliminares.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e Religião.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

MIRANDA, Mario de França. **Igreja e sociedade**. São Paulo. Paulinas, 2009.

ORO, Ivo Pedro. **Políticas e Religião no Rio Grande do Sul.** Revista Horizontes Antropológicos, v. 7, nº15. P. 79-161. 2001.a.

SIEPIERSKKI, Paulo. **"Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil"**. Estudos teológicos. V. 37. Paulinas: São Paulo. 1997.

SKIDMORE, Thomas. **"Uma História do Brasil"**. 3º ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2000.

FONSECA, A. B. **Evangélicos e Mídia no Brasil.** Bragança Paulista**:** Editora Universitária. São Francisco. 2003.

GIUMBELLI, Emerson. "Cultura pública: evangélicos e sua presença na sociedade brasileira". In: E. Giumbelli. **Símbolos religiosos em controvérsia.** São Paulo. 2014.

INGALLS, Monique M. **"Singing Praise in the Streets: Performing Canadian Christianity Through** Public Worship in Toronto's Jesus in the City Parede", Culture and Religion: Na Interdisciplinary Journal, v. 13, n.2.2012.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X. 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

GADINI. Sérgio Luiz (Org). **Fragmentos & Discursos da Cultura Midiática.** Unisinos. 2000.

http://www.jusbrasil.com.br/diarios/90671507/amupe-29-04-2015-pg-3. Acesso em 12/06/2016